

# EDUARDO COELHO E O CONCEITO DE HUMANISMO CIENTÍFICO NA UNIVERSIDADE E NA FORMAÇÃO DO MÉDICO

Eduardo Coelho escreveu que *para cumprir a sua missão a Universidade há-de exprimir o clima espiritual, cultural e social de cada período histórico e corresponder, pelo carácter de universalidade à crise do homem que, de longe em longe, transforma o ritmo da vida da nação*. E acrescentava que ao imporem-se reformas do ensino universitário não deveria haver a preocupação de copiar ou perfilhar outras organizações pedagógicas. É sempre o problema português que está em causa mas compreendido com visão global como problema Universal. Universalismo, dizia, não pode ser concebido como imitação do alheio. E citava Renan: *que importa a grandeza de Sirius se é o nosso Sol que amadurece as nossas searas*.

Eduardo Coelho entendia que para cumprir a sua missão a Universidade tem de ser simultaneamente:

- 1 – centro de cultura
- 2 – instrumento de preparação profissional
- 3 – criadora de investigação científica

A função cultural seria a missão central da Universidade. Entendia como homem culto, segundo a realidade do nosso tempo, o homem formado no que denominava o *humanismo científico*. Quer dizer, homens de cultura científica preparados para a missão de enriquecer e fazer progredir a civilização. A segunda função da Universidade consistiria na formação de bons profissionais. A Universidade teria de formar cientificamente os profissionais com conhecimento da *técnica* de cada mister. A formação científica basear-se-ia na informação, na discussão, na relação íntima entre docentes e discentes e, por isso, privilegiava grupos reduzidos em número de discentes para cada docente. Para transmitir formação científica o docente não poderia ser apenas o indivíduo que sabe a sua ciência. O docente deverá ser investigador, procurando responder às interrogações e às dúvidas que subsistem no conhecimento da ciência que domina e professa. Só dessa forma poderá formar profissionais com uma sólida *técnica* mas de formação científica. A terceira função da Universidade seria a de criadora de investigação científica. Para Eduardo Coelho, à Universidade compete criar ciência. Dizia que a Universidade portuguesa relativamente às Universidades europeias e americanas revela tradicionalmente um atraso, e como resultado, uma gradual decadência, que definia como primitivismo cultural, por não exigir que o docente universitário fosse um investigador. O primitivismo cultural do docente da Universidade portuguesa dependia fundamentalmente: 1) do sistema de recrutamento do professorado do ensino universitário, 2) do conceito de propriedade definitiva da cátedra, 3) da falta de ambiente científico.

Para Eduardo Coelho a escolha dos candidatos deveria basear-se na análise honesta e desapaixorada dos trabalhos científicos e das qualidades pedagógicas. O candidato deveria ter uma carreira de intensa e séria investigação científica. O professor universitário deveria ensinar a ciência feita pelos outros e a ciência que ele próprio cria. Transmitir o conhecimento não como repetidor mas com feição crítica, estimulando nos alunos uma tendência para a interrogação e para a crítica. Nem charlatanismo científico nem pedantaria livresca, acrescentava. Era contra o conceito de propriedade definitiva da cátedra. Entendia que a cátedra não deveria ser vitalícia mas contratual, durando cada contrato cinco anos, submetendo a renovação do contrato à eficiência com que foram desempenhadas as funções universitárias. Por fim, atribuía a ausência de ambiente científico da Universidade portuguesa, ao comodismo, à inépcia, à ausência de estímulo na luta sã das competências.

A docência universitária deveria servir dois objectivos, a investigação científica e o ensino. O docente universitário só poderá cumprir esses objectivos trabalhando em tempo integral, uns com funções predominantemente pedagógicas, outros com funções predominantemente de investigação. A investigação científica não pode ser acidental ou episódica, mas a regra, dizia. O professor regente da cadeira deveria ser fundamentalmente o chefe de equipa de investigação e fazer desenvolver a actividade de investigação simultaneamente como uma *empresa* e como uma *oficina*. Entendia que investigação científica nas Universidades deveria ser em parte sustentada por fundações particulares do alto comércio, da indústria, dos bancos, das fortunas privadas, que enriquecem ou enriqueceram com o desenvolvimento do conhecimento e da ciência. O docente universitário deveria ser recrutado entre homens dotados de disciplina mental, de inteligência crítica e faculdades de invenção. Para a formação dos futuros docentes deveria distinguir-se nos alunos os que tem vocações para a investigação. Só essa lhes deveria dar oportunidade de prosseguir.

No ensino da Medicina, Eduardo Coelho admitia um mínimo de disciplinas obrigatórias e a flexibilidade de criação de disciplinas facultativas dependentes das exigências do desenvolvimento do conhecimento científico, ou do aparecimento de personalidades com produção científica que as justificassem. Adiantava que tais disciplinas se deveriam extinguir quando não houvesse alguém com competências para substituir o regente que as justificara ou, então, substituir por outras se as circunstâncias o justificassem. O curso de Medicina deveria durar cinco anos seguido de um sexto ano de estágio clínico. Nos primeiros dois anos, das ciências básicas, dever-se-ia estabelecer desde o início a correlação e o entrelaçamento da clínica com as ciências básicas. Os alunos aproximar-se-ão mais das ciências básicas desde que aprendam o significado funcional das ciências morfológicas, dizia. Entendia ainda que ao currículo dos dois primeiros anos se deviam acrescentar as disciplinas de Psicologia e de Sociologia. Assim poder-se-ia iniciar o estudo das clínicas como *conhecimento do Homem doente*. Pretendia que o ensino das clínicas Médica e Cirúrgica se fizesse em três anos. Não se deveria nesses três anos repetir o ensino das diferentes matérias, mas conciliar a sua distribuição por esse período do ensino clínico. Nos anos destinados às clínicas deveria existir um ambiente de discussões médicas e de seminários em que o corpo docente dos últimos anos se associasse ao das ciências básicas, com intervenções do estudante nas discussões. O ensino das especialidades deveria destinar-se apenas ao ensino de semiologia e da compreensão fisiopatológica e patogénica dos fenómenos clínicos. Toda a matéria restante seria ministrada em ensino post-graduado. Os exames das clínicas Médica e Cirúrgica seriam feitos depois de completados os três anos, como provas finais ou exames de estado. Nas especialidades só seriam exigidas a frequência. Assim, o desaparecimento do número de exames e dos exames de algumas disciplinas iria aumentar o número de horas de ensino e de frequência nas enfermarias e nos laboratórios. O ano escolar deveria começar em Setembro e terminar no fim de Maio com trinta e três semanas úteis para o ensino.

O ensino post-graduado para especialistas só deveria ser feito em Serviços clínicos que estivessem em situações material científica e pedagógica de se realizar eficientemente, mesmo que não fizessem parte do quadro universitário. O curso de especialistas deveria durar dois anos. Seria constituído por lições, discussões clínicas de apresentação de casos clínicos com todos os elementos semióticos de diagnóstico, seminários, colóquios, exposições teóricas, crítica dos artigos das Revistas da especialidade, intensa prática clínica e técnica, realizados em regime de tempo integral.

Haveria ainda um ensino post-graduado com características de ensino médico contínuo feito em cursos de aperfeiçoamento e em cursos de actualização de conhecimentos. Estes cursos não poderiam ser cursos de aprendizagem teórica mas de aprendizagem prática no convívio a tempo integral dos Serviços clínicos e dos diferentes laboratórios durante um período mínimo de quinze dias.

Um ano antes da sua jubilação como professor catedrático, Eduardo Coelho foi convidado a proferir uma conferência (Lecture), no VIII Congresso Internacional de Medicina Interna, Buenos Aires, 1964. Decidiu dissertar sobre o tema *A formação cultural espiritual e científica do internista*, síntese do seu conceito de *humanismo científico* que desenvolvera durante trinta anos em numerosos escritos que nunca tiveram eco no ambiente médico português. Nessa tribuna internacional foi longamente aplaudido e calorosamente apreciado. Traduzo o extracto deste trabalho: *Para tratar a natureza do Homem é preciso em primeiro lugar, conhecer o Homem. A prática médica é por definição psicossomática. A psicossomática revela a existência de uma individualidade biológica e de uma individualidade psicológica numa unidade que é inter coexistência total. A compreensão da patologia da pessoa humana confere um*

*caracter de integração total do fenómeno biopatológico por oposição à atitude daqueles que apenas vêem no homem doente uma alteração somática ou morfológica. Para fazer face aos problemas que põem à medicina a vida social contemporânea, o internista deverá ter conhecimentos profundos de Sociologia e Psicologia humana e uma sólida formação ética. Na sua actividade num centro universitário e hospitalar o internista deverá ser um investigador clínico em permanente diálogo entre o espírito e a natureza. Mesmo que possua uma grande experiência clínica ele estagnar-se-á se não der um impulso voluntarioso ao desenvolvimento da investigação. A investigação clínica faz parte integrante da educação médica. A investigação clínica científica é parte integrante da missão dos que ensinam medicina e dos que a exercem com nível superior. É desta forma que o homem cultivado se torna um técnico e que a cultura humanista se aproxima da ciência.*

O conceito de humanismo científico que Eduardo Coelho desenvolveu como modelo para a Universidade, tem como raiz a sua formação intelectual de homem culto, que definia como homem conhecedor dos grandes movimentos do pensamento contemporâneo. Cultura não é erudição mas sabedoria, cultura é conhecimento utilizável não conhecimento adquirido, repetia aos seus discípulos nas conversas amenas das pausas de trabalho, no quotidiano. Se humanismo científico é dedutivo, cultura humanista é indutiva e cultura é universalismo.

O seu derradeiro acto de homem culto consistiu em legar à Faculdade de Medicina onde foi professor, a sua Biblioteca Médica de setenta e sete assinaturas de Revistas Médicas, além de numerosas monografias, hoje de valioso interesse bibliográfico. A sua Biblioteca de Cultura, com mais de trinta mil títulos de obras de Filosofia, Literatura, Arte, legou-a à Universidade Católica que lhe reservou um espaço imenso, admirável, acolhedor, onde se vive ainda a intimidade do doador, em objectos pessoais que a adornam. Parte da sua colecção de cerâmica e mobiliário português do século XVIII, legou-o ao Museu Machado de Castro de Coimbra, Cidade berço da sua juventude universitária, onde germinou o seu conceito de humanismo científico para a Universidade Portuguesa.

Eduardo Coelho foi universalista ao conceber o conceito de humanismo científico como entrelaçamento da cultura humanista e da ciência. Foi universalista no pensamento, na acção e no gesto.

## **BIBLIOGRAFIA**

Obras de Eduardo Coelho. *Biblioteca Eduardo Coelho*, Universidade Católica.

E. MACIEIRA COELHO